

Anno I | Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1879 | Num. 1

A AMERICA

Revista quinzenal — Propriedade particular

ADMINISTRADOR — F. D'ALMEIDA

A America publicar-se-ha

NOS DIAS 5 E 20 DE CADA MEZ

PREÇOS DA ASSIGNATURA

Cóste, por anno 6\$000 | Provincia por anno 7\$000
Numero avulso \$500



RIO DE JANEIRO

Typographia Cosmopolita, rua do Regente n. 34

1879

A AMERICA

ASSIGNATURAS PUBLICAÇÃO QUINZENAL, SCIENTIFICA, LITTE- ASSIGNATURAS
CÔTE LITTE- BARRIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA PROVINCIAS
Anno... 68000 ADMINISTRADOR - F. PALMEIRA MEIDA 1 Anno... 75000

Anno I Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1879 TO 1 Num. 1

A AMERICA

Côte, 20 de Outubro de 1879.

A' luz da publicidade surge hoje a *America*, solicitando para si, entre os operarios da civilização pela imprensa — um modesto lugar.

Activa-se ella com o nome bello e sympathico deste vasto continente, porque é para elle que deseja voltar de preferencia o seu coração e a sua intelligencia; e também porque nos seus estudos e investigações, nas suas ideias e juizos sobre os differentes ramos de conhecimento e trabalho humano, terá por alvo tanto o progresso grandeza deste paiz que é americano, como desta *America* que ha de ser no futuro o seio uberrimo e irradiante da civilização universal.

Grandes e variados sem duvida que são estes designios, como é amplo e multiforme o solo e a paisagem desta parte do globo.

Mas, por serem vastos os horisontes por onde quer a *America* estender as suas vistas, não se segue que se não possam animar de taes intuitos, isentas da pecha de immodestia, as pequeninas e fracas individualidades.

Como todas as ideias generosas, a *America* apparece como um empreendimento cheio de esperanças tanto mais bem fundadas quanto, alem do apoio que acredita merecerá do publico, do qual procurará fazer-se sempre digna, está convencida que a sua voz e o seu esforço não serão demais no concerto harmonioso dos lidadores da imprensa. Ao contrario, a *America* sabe que nesta Capital ha ainda largo campo na grande officina do trabalho, onde ella pôde tomar lugar, e á vontade manejar as suas armas — os instrumentos do labor.

Não se apouca, porem, diante de uma força aniquiladora que aqui existe e tem feito baquear, innumerables emprezas jornalisticas.

A *America* reconhece a existencia e a natureza dessa força inerte, massica e muda como as altas serras de granito, antepondo-se á direcção

plana e recta das estradas, ou como penhascos emersos do leito dos rios, a cuja navegação interrompem: é a força multipla do animo indifferente.

Mas nem por isso são ineluctaveis semelhantes obstaculos á acção da força viva do trabalho, da perseverança e da sciencia que perfuram as serras, abrindo o caminho através de suas entranhas e fazem saltar as lages que obstruem os rios, dando facil carreira ás quilhas navegantes.

A *America* vem, pois, combater; quer abrir passagem por entre a massa dura e fria da indifferença publica.

Ha muito vê que desceio de sua verdadeira posição a imprensa periodica desta capital, tornando-se apenas notavel, com rarissimas excepções, pela instabilidade de sua vida e pela nihilidade de suas ideias. Sem inspirar-se jamais no interesse publico, jamais satisfiz as suas necessidades e tendencias; não o tem representado devidamente, nem despertado a sua attenção adormecida.

Deste modo, imprensa e publico mutuamente se desconhecem.

Nem mesmo a imprensa diaria ha correspondido ainda ás necessidades do paiz e está longe de desempenhar o seu verdadeiro papel no centro de uma capital grande e civilizada, cujos reaes interesses e os do paiz são muitas vezes preteridos por insignificantes e ridiculos accidentes policiaes.

Não vem a *America* preencher estas lacunas; não é imprensa diaria, e, como periodica, na alçada da natureza de sua publicação, esforçar-se-ha em cumprir o seu dever e elevar-se na opinião publica, apenas empregando um pouco mais de trabalho e um methodo mais consentaneo ao fim a que se propõe.

Diante das muitas necessidades, cuja satisfação o bem social reclama, dos impulsos e aspirações elevadas da nova geração, das palpitações fortes do amor do progresso que implica o aperfeiçoamento moral e intellectual dos povos, força é que a effervescencia destas justas ambições que

revelam e emanam de vivos sentimentos patrióticos, se dá toda a expansão, fazendo-a manifestar-se à luz publica e pugnar pelo bem commum : eis o que dá origem a criação da America.

Letras, artes, sciencias e industrias, particularmente a commercial e a agricola, tudo enfeixado á causa do bem geral e encarado á luz dos modernos principios, constituem o objecto de que a America pretende occupar-se com interesse : franquês, pois, as suas columnas a todas as intelligencias e a todas as ideias progressivas e humanitarias.

Sauda a toda a imprensa do paiz e ao publico, de quem tudo espera para a melhor satisfação de seu programma.

O IMPOSTO SOBRE A RENDA

A receita do Estado permanece ha muitos annos estacionaria, isto é, os seus algarismos no presente exercicio são, pouco mais ou menos, os mesmos dos exercicios anteriores.

Este facto evidencia que, apesar do augmento da população, não têm crescido as forças das rendas do povo para o consumo e formação do capital, e as forças do capital para o desenvolvimento da agricultura, do commercio e da industria, em uma palavra, da riqueza nacional; porque, sendo a receita do Estado o producto das quantidades das materias tributadas das multiplicadas pelas taxas dos impostos, é intuitivo que permanecendo ella a mesma, as qualidades multiplicandas ou o 1.º dos factores não tem soffrido alteração com o augmento de população; tem decrescido com a elevação dos impostos.

Entretanto pretende o governo, para saldar o deficit, não só diminuir as forças da renda individual para o consumo, elevando os actuaes impostos; mas tambem reduzir a propria renda individual, estabelecendo sobre ella o tributo de 2 a 20 % !

Justifica o governo a nova taxa, dizendo que a renda não está tributada em todas as suas manifestações: Entretanto a verdade é que os impostos em geral são, exclusivamente, pagos pela renda !

Com effeito.

Quaes são as materias tributadas, senão os objectos necessarios e uteis ao homem e o capital em suas applicações?

E o que é a renda de um individuo, senão a moeda com que elle compra a satisfação das necessidades e commodidades da vida?

E o que é capital, senão o fructo das economias das rendas individuais, a accumulção de suas sobras?

Tributar, portanto, o capital em suas applicações, isto é, em seus proveitos, os objectos necessarios e uteis nas materias primas, na produção e no commercio, na importação e exportação, e ao mesmo tempo crear um imposto directo sobre a renda,—é tributar a renda duplamente—é diminuir as suas forças para o consumo na razão da alta dos preços pela elevação dos impostos e diferença de cambio, e

ao mesmo tempo reduzir a propria renda subtrahindo uma parte della para o Estado.

E não é este o unico erro do governo.

Elle sente tal atracção para o imposto sobre a renda que apresenta a ideia de nelle converter, no futuro, todos os outros.

Entretanto de todos os impostos é o sobre a renda o mais inconveniente pelos seus effeitos moraes e economicos, pela sua desigualdade, pela facilidade que offerece á fraude, pela sua immoralidade e corrupção, e pelos embarços que oppõe á prosperidade publica !

O imposto sobre a renda é o mais impopular possivel,—porque é cobrado sobre o fructo do trabalho, quasi sem pre julgado insufficiente e irremunerador,—porque no maior numero de casos não cahe sobre a renda disponivel e, portanto, obriga o contribuinte a economias que se resolvem em privações:—porque, quando não excede os limites da renda disponivel, o que vêem e sentem os homens do povo, é que o governo lhes diffulta e a muitos impossibilita a formação do capital, que é para elles o « resgate da miseria e dependencia futuras pelo trabalho anterior », e que só á custa de privações e sacrificios pôdem ir accumulando pouco á pouco para prevenir as contingencias da vida, para melhorar no futuro a sua condição e a de suas familias.

Não páram ahí as razões da aversão, odiosidade e irritação do povo contra o imposto sobre a renda e aquelles que o creám e mantêm.

V. Bonnet, de quem são tambem algumas das observações que se seguem, apresenta outra que merece ser seriamente meditada.

O imposto sobre a renda é o mais impopular possivel:—porque é directo, porque é pago em um termo fatal sem que o contribuinte experimente compensação alguma sensivel na satisfação de alguma necessidade, commodidade ou gozo;—porque cahe sobre o particular como uma divida no dia do seu vencimento, com a differença de que o credor pôde ser commovido pelo estado e impossibilidade presentes do dever e perdoar a divida, ou levado pelo seu proprio interesse dilatar o prazo; mas o imposto ha de ser, forçosamente, pago em seu termo sob pena de execução e custas. Se o contribuinte não tiver na occasião os meios, não por incuria ou relaxamento, mas em virtude de qualquer circumstancia extraordinaria, como molestia etc., hade pedir emprestado ou dispor de alguma cousa que possua.

O mesmo não succede com os impostos indirectos: porque são pagos nos preços dos objectos, passam desapercibidos, tem a sua compensação na satisfação de alguma necessidade, commodidade ou gozo e não são pagos em um termo fatal, mas á vontade do contribuinte que regula o seu consumo ou as suas despesas pelas suas posses no momento e os paga em maior ou menor escala conforme os meios de que dispõe na occasião.

O imposto sobre a renda é tambem o mais desigual possivel. 1º porque não attende ás diversas condições dos individuos; porque affecta do mesmo modo e com igual peso o homem solteiro e o carregado de familia, uma vez que

tenham a mesma renda; de sorte que o operario solteiro que ganha 2\$000 diarios paga a mesma taxa que outro que tem igual salario, mas sustenta numerosa familia, e, se este para mantel-a sacrifica a sua vida, trabalhando mais, o Estado ainda vem assentar-se á sua meza, qual outro filho seu, para partilhar tambem dos fructos desse excesso de trabalho ;—2.º porque é cobrado sobre a renda nominal, de sorte que os homens, que vivem do seu trabalho, pagam a mesma taxa quer tenham recebido, durante o anno, toda a sua renda, quer tenham soffrido descontos ou deixado de ganhar parte della por motivo de molestia, etc; —3.º porque a renda tributada deve ter um limite que, admittamos, seja o proposto pelo governo, isto é, 400\$000 neste caso pagaria 20\$000 ou 8\$000 os que tiverem esta renda e nada os que tiverem a renda de 300\$000, e assim por diante na escala progressiva ;—4.º porque para evitar-se o grande mal da inquisição sobre a fortuna particular, dever-se-ha acceitar, como acceitou o governo, a renda declarada pelo contribuinte para sobre ella cobrar-se o imposto ; de sorte que aquellos que tem rendas e salarios certos, como os empregados publicos e particulares, operarios etc, pagaria a taxa em sua totalidade, ao passo que os outros pagaria a que lhes convier ou nenhuma, e, por este modo, os homens sinceros e honestos serião na escala de sua sinceridade e honestidade mais gravados do que os que tiverem estas virtudes em menor escala, ou carecerem absolutamente dellas.

Dahi um outro mal—a immoralidade e corrupção do imposto e seus effeitos perniciosos sobre o commercio e toda a nação á qual habita a fraude.

Na Inglaterra, onde foi admittido o imposto sobre a renda em epocha extremamente critica, como a das ruinosas guerras de Napoleão e do bloqueio continental, o limite da renda tributada era de £ 60 e o governo verificou com surpresa que grande numero das rendas declaradas não excediam de £ 59 e 10 sh. Para evitar a fraude o limite foi reduzido a £ 50 mas os resultados foram os mesmos.

Nesse paiz onde o povo já estava habituado ao imposto, foram tantas as suas reclamações, que formou-se uma poderosa associação, dirigida por homens como Cobden e Bright, para induzir o governo a supprimil-o, substituindo-o embora por outros indirectos, e esta associação tinha por chefe invisivel o chanceler do thesouro—Gladstone.

Se dos inconvenientes e razões geraes para a repulsa do imposto sobre a renda descessemos a analyse da proposta do governo e á applicação de tal imposto em nosso paiz muito teríamos á dizer : mas isto nos desviaria dos fins que temos em vista. Faremos portanto, apenas ligeiras considerações. Qual o fundamento com que fixa o governo em 1:000\$000 o limite da renda dos empregados geraes para o pagamento do imposto de 5 % e em 400\$000 o da renda dos empregados provinciaes e municipaes e de todas as outras classes ?

Quaes os privilegios e superioridades que tem os empregados geraes sobre os provinciaes e municipaes e as demais classes industriais do paiz ?

Qual a razão porque propõe que as classes, que vivem do seu trabalho e que tem esta unica fonte de renda, paguem o imposto sobre o total della, e que os capitalistas que têm o seu capital applicado da diversos modos o paguem somente sobre a renda de uma das applicações, provavelmente a menor, que será por elles preferida ?

O governo acredita que a renda dos lavradores não supporta o pagamento da taxa dos proventos do capital—está prompto a auxiliá-os com a diferença ; entretanto pede aos lavradores uma parte de suas rendas !

O governo julga necessario provocar os capitães a applicarem-se ás estradas de ferro, nos engenhos centraes, em todas as empresas uteis, enfim,—garante-lhes para isso um provento cento de 7 % ; entretanto pede ao capital assim applicado, ou que venha á ter taes applicações, uma fracção de seus dividendos !

O governo diz que ha muitos predios vazios, estabelece um imposto sobre a renda negativa delles e ao mesmo tempo quer obrigar aos proprietarios de terrenos urbanos a edificar mais, cobrando um imposto sobre os ditos terrenos !

Quanta contradição em tudo isto !

A ideia do imposto sobre a renda surgiu com o espirito socialista que já uma vez assentou-se nos conselhos da corda.

Afirmava-se então á nação inteira, que os ricos não pagavam impostos ; entretanto como dizia Thiers são os ricos os que pagam mais impostos, porque ou os pagam sobre o maior consumo e gastos que fazem na razão de suas posses, ou, quando não fazem esses gastos, o imposto relativo é por elles pago nos proventos das applicações que derem ao seu capital.

E' preciso que se preste muita attenção a este facto—os capitães são solicitados para as diversas applicações pelos proventos liquidos e riscos, e o provento liquido calcula-se, deduzindo-se todos os gastos inclusive os impostos.

Se fôr necessario um exemplo, nós o teríamos e bem evidente : suppunhamos que o governo, estando convencido de que não pôde emitír apolices ao par a menos de 6 % de juros, taxe as apolices na razão de 1 % ao anno, a consequencia immediata será abaixa relativa no valor das apolices.

Tributando o capital não conseguirájamais o governo atingil-o, mas apenas torná-lo mais caro para as suas diversas applicações, com prejuizo da prosperidade publica e de toda a nação.

Convençam-se todos desta verdade e jamais conseguirão os demagogos, tirando argumentos do antagonismo imaginario entre o capital e o trabalho, o capitalista e o proletario atrahir o povo, illudindo-o, indispor uma parte da nação contra a outra e compromettel-a em lutas fratricidas.

Joaquim Mattoso.

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARCE.

Caixas economicas, caixas economicas escolares, escriptorios d'economias das fabricas e officinas.

I

Braxes Considerações

A caixa economica é uma das instituições publicas destinadas a auxiliar os costumes de previsão nas classes laboriosas, entre os operarios, os artistas, os criados e outros trabalhadores de modico salario.

Unicamente fundada sobre este interesse publico, a caixa economica exclue toda a ideia de lucro por parte dos administradores que trazem a direcção de taes estabelecimentos o generoso concurso de sua experiencia administrativa e de sua garantia; por outro lado, porém, a caixa economica não se presta a soccorros: o depositante paga a totalidade, ou a maior parte das despesas d'administração, por meio d'uma deducção feita pela caixa economica na importancia dos juros das sommas depositadas.

As funcções da caixa economica podem assim definir-se:

Receber em deposito, nos escriptorios situados nas m'lhores condições de local que fôr possível, as pequenas economias;

Conservar esses depositos sob a melhor garantia possível;

Promover-lhes rendimento em proveito dos depositantes unicamente;

E entregar, com a menor demora possível, quando reclamado pelo depositante, ou por quem devidamente o represente, o capital depositado e juro produzido, salvo a deducção para despesas administrativas.

Desta forma facilita ao operario poder commodamente reservar, salvando-as do desperdicio diario, as diminutas quantias que elle pode poupar para attender a necessidades futuras;—segurança de deposito;—produção da economia em dinheiro da mesma forma que o trabalho;—a retirada possível das sommas economisadas, taes são as quatro virtudes cardaes da caixa economica.

Com o seu beneficio economico e moral, a caixa economica estimula o operario a fazer economias, isto é, a conservar sua despesa abaixo da receita; a ser laborioso, sobrio, arranjado e finalmente a ser previdente.

O operario aprende assim a regular a sua vida, governar a sua despesa e a cuidar de seus recursos. Não ha aqui o sentimento egoista, cego e ordinario do avaro, pelo contrario, existe um sentimento elevado, esclarecido, e que nasce d'um

louvavel respeito de si e muitas vezes da dedicação.

E' o cidadão que não conta senão consigo mesmo para prover á sua existencia, sem tornar-se pezado á sociedade; é o trabalhador que aspira a melhorar a sua condição pelo trabalho, pela regularidade, pela virtude; é o pai de familia que se esforça, tanto por afeição como por dever, a assegurar o bem estar de sua familia e augmentar esse bem estar.

A caixa economica ajuda o operario a evitar as despesas futeis, prejudiciaes á saude ou immoraes; e como consequencia, o operario não salva unicamente o seu dinheiro, mas salva-se a si mesmo da desordem, do debocho e do que nelle segue, a miseria, o vicio e talvez o crime. Com effeito, tem-se verificado, que nos estabelecimentos penitenciarios, só um pequeno numero de presos tinham cadernetas da caixa economica.

E as pequenas sommas salvas pela caixa economica, formam por sua accumulção um precioso capital; e este capital, assim creado, está sempre á disposicão do depositante, que pode livremente retiralo para lhe dar applicação, quer seja para fazer face á falta de trabalho ou a outra qualquer despesa accidental; quer seja para acudir a uma prevista despesa importante, aluguel, vestuario, provisões para o inverno, fundo d'um pequeno estabelecimento industrial; ou finalmente para empregar o capital na acquisição d'uma pequena propriedade, ou em fundos publicos, mais productivos, do que o juro obtido pelas pequenas economias depositadas na caixa economica.

Como se vê a caixa economica não é um banco que faz produzir os seus capitales, ella é apenas um reservatorio onde real a real se accumula e forma o capital; logo que o capital se ache formado, o depositante deve retiralo, sendo para elle mesmo utilisalo que o retira da caixa economica. As estatísticas mostram, effectivamente, que as sommas depositadas na caixa economica, são retiradas n'um prazo bastante curto, regulando a media de dois annos e meio.

D'esta maneira, a caixa economica não faz concorrência aos bancos ordinarios, nem mesmo ás outras instituições congeneres.

Não é só o capital que assim se forma, o operario economico tambem aprende a ser capitalista e administrador; iniciando-se nas praticas da vida economica regulada com criterio, na contabilidade pela caderneta, que ensina ao homem a conhecer de seus actos diariamente; familiarisando-se com os empregos de segurança de seu dinheiro, com as rendas do Estado pela faculdade que goza todo o depositante de fazer converter, sem despesas nem encommodos o seu deposito em titulos de renda; e habilitando-se

finalmente sobre as condições essenciaes de qual-
quer instituição de providencia.

Tal é o espirito da instituição das caixas econo-
micas, d'onde devem derivar as regras d'organi-
zação.

Continua.

LIBERIA

Muitos se occupam actualmente da Africa, e os
diferentes povos preveem-se á vista da extensão
das relações commerciaes com o interior desse
paiz, á medida que se fôr abrindo e nelle pen-
trar a civilisação. Os projectos formados nesse
intuito têm chamado a attenção sobre a parte
dessa região na qual se tem tentado, ha certo
numero de annos, uma interessante experien-
cia.

Essa região, é a colonia praça da Libéria, sobre
a costa occidental da Africa. Ha cerca de trinta
annos que a mesma colonia, constituida em re-
publica, foi fundada pelos esforços da sociedade
de colonisação americana, para servir de refu-
gio aos pretos da America libertos e de ensino
aos pretos barbaros do interior do continente.

Os reconhecidos deveriam ser os mestres de
seus irmãos. Hoje, esta questão, que então era
puramente sentimental, ampliou-se com aquella
mais pratica, das relações commerciaes mais
desenvolvidas a ligar com este povo, que occupa
uma linha de costas de perto de 600 milhas de
extensão.

A Inglaterra e os Estados-Unidos, parecem que-
rer entrar nesta via. A Inglaterra emprega 40
barcos a vapor no seu commercio com a costa
occidental da Africa. O rio Niger por si só dá a
este paiz um curso de transacções de 1.500.000
dollars (3.000.000\$000, mais ou menos.)

Diz o *New York Herald*, que a Libéria contem
uma população de cerca de 100.000 almas, e en-
tretanto os impostos e as Alfandegas, não produ-
zem senão 100.000 dollars (200.000\$000) por anno;
as receitas são inferiores ás despesas, em quanto
que na vizinha colonia ingleza a de Serra Liôa,
muito mais bem administrada, mas que não é
mais do que um ponto projectado sobre o Oceano,
o rendimento é de 300.000 dollars (300.000\$000)
por anno para uma população de 40.000 almas
unicamente. As receitas excedem as despesas em
100.000\$000 de reis.

Um traço de costumes assaz curioso, assigna-
lado pelo jornal que mencionamos, é o antagonismo
que reina entre os Libérios ou pretos libertos
importados da America do Norte e os pretos que
nunca sahiram da Africa. A antipathia das raças

tal qual ella se vê dominar nos Estados Unidos,
não é nada comparada com o sentimento que uns
ressentem pelos outros. E' para sentir que no
espaço de trinta annos poucos esforços se tenham
feito para amalgamar estes dois elementos.

Emigrado da parte sul dos Estados-Unidos, o
futuro cidadão da Libéria levou consigo estes
ares de sobrançaria e superioridade que ostenta-
va seu antigo senhor de côr branca. Por outro
lado, o chefe indigena conserva ainda as tradi-
ções do tempo em que os pais destes pretos liber-
tos, eram os escravos de seus antepassados. De
tudo isto resulta um desagradavel antagonismo.

E' singular que, neste paiz, unicamente povoado
por pretos, o prejuizo da côr represente um papel
tão importante. O preto de sangue puro despreza
e mesmo detesta o mulato, e veria com prazer a
ruína da colonia mais depressa do que governada
pelos mestigos. Ora o paiz da Libéria é atual-
mente governado por mulatos, e pode dizer-se
que é essa a melhor administração.

AS MINAS DA GUYANA

Na Guyana franceza, diz o jornal inglez *The Colonies and
India*, a exploração das minas auríferas começou em 1856,
e nos seis annos que se lhe seguiram, obteve-se cerca de
13.220 onças de ouro. Alguns annos depois, os Hollan-
dezes começaram de explorar na sua colonia minas da
mesma natureza, e nos dois annos findos em 1877 expor-
taram para Amsterdam ouro no valor de 25.000 libras es-
terlinas.

Tem-se obtido resultados ainda mais consideraveis no
território de Venezuela. Ahi recolheram-se em 1869 cerca
de 20.000 onças daquelle precioso metal e a introdução de
meios de exploração mais aperfeiçoados, tem nos seguintes
dez annos augmentado consideravelmente os productos.
Uma multidão de mineiros de Cornouailles, da California, da
Columbia ingleza e das diferentes ilhas d'America tem sido
atrahidos pela exploração dessas minas.

Escrevem de Surinam e Cayena, que acabam de ser si-
multaneamente descobertos em diferentes pontos, ricos
veios de ouro, que promettem eclipsar a riqueza da Cali-
fornia e da Australia.

Diz-se que um só homem, em quatro semanas, encontrou
com pouco trabalho mais de quarenta libras de ouro puro,
sendo numerosos iguaes exemplos da abundancia do metal.
A multidão precipitou-se para aquellas minas e receiam-se
as complicações que podem resultar, senão se tomarem pre-
cauções, por causa do conflicto entre os colonos inglezes,
hollandezes e francezes, como tambem entre os habitantes
da republica de Venezuela e as tribus indigenas.

Comquanto não tenha ainda sido explorado o ouro na
Guyana ingleza, ha muito tempo que se suspeita e se re-
conhece mesmo que elle existe no interior do paiz, e as re-
centes descobertas podem exercer grande influencia no fu-

turo desse paiz. Desgraçadamente os limites da colonia inglesa e da Republica do Venezuela nunca foram definitivamente traçados, dando assim lugar a frequentes contestações. O facto é que as minas auríferas de Caratal estendem-se sobre o territorio de quatro nações distinctas, das quaes os limites são extremamente vagos.

QUAL DAS DUAS?

POR TH. GANTHEMER

No inverno passado encontrava muitas vezes na sociedade duas irmãs, duas inglezas; quando se via uma podia-se ter certeza de que a outra não estava longe; por isso tinham-n'as denominado as bellas inseparaveis.

Uma era morena e a outra louca, e, ainda que fossem gêmeas, não tinham de commun senão uma unica cousa: é que não se podia conhecê-las sem amal-as, porque eram as duas mais encantadoras e, ao mesmo tempo, as duas mais dessemelhantes creaturas que se tenha podido encontrar juntas. Entretanto ellas pareciam viver na melhor harmonia.

Não sei se devido a puro instincto de moças, ellas teriam comprehendido as vantagens do contraste, ou se entre ellas existia verdadeira amizade; o que é certo é que uma e outra faziam-se valer maravilhosamente, e julgo que intimamente, era esse o motivo da sua aparente união; parecendo-me difficilimo que duas irmãs da mesma idade, d'igual belleza ainda que differente, não se odiassem cordealmente. Pois, não era assim, e as duas adoraveis meninas estavam sempre juntas no mesmo canto do salão, encostando-se uma á outra com graciosa familiaridade, ou meio recostadas sobre as almofadas da mesma poltrona; e servindo-se mutuamente de sombra não se deixavam um só instante.

Parecia-me isso extranho, fazendo tambem o desespero de todos os peral rilhaes do circulo; porque era impossivel dizer uma palavra a Musidora que não fosse ouvida por Clary; não havia meio de introduzir um bilhete na mãozinha de Clary, porque seria infallivelmente apercibido por Musidora: realmente era para desesperar. As duas meninas divertiam-se como duas loucas que eram de todas estas tentativas infructuosas, tendo maligno prazer em provocá-las para as destruir em seguida por qualquer repente infantil ou algum capricho inesperado. Juro-vos, que era bello ver, o modo lastimoso e embaraçado dos pobres dandys, obrigados a não continuaar o seu madrigal ou epistola. O meu amigo Fernando ficou por tal forma desorientado de tal infortunio, que durante oito dias, elle punha a gravata tão mal como se fosse um homem casado.

Em quanto a mim, fazia como os outros: ia boleteando em volta das duas irmãs, agarrando-me ora a Clary, ora a Musidora, mas sempre sem successo.

Eu estava por tal forma despeitado, que certa noite tive serios desejos de fazer saltar o que me restava de miollos. O que me impedia de fazê-lo, foi a idéa de que deixaria o lugar livre ás bobices de Fernando, e a judicioso reflexão de que não poderia provar a casaca que o meu alfaiate devia trazer-me no dia seguinte. Adiei, pois, os meus projectos de suicidio para outra occasião; mas, fallando a verdade, ainda hoje não sei se fiz bem ou mal.

Consultando o meu coração, fiz a honrosa descoberta de que amava as duas irmãs ao mesmo tempo. Sim, minha senhora, isto é sério, ainda que seja abominavel; ambas! Ouço-vos d'aqui, dizer, acompanhado d'um formoso tregeitosinho: « Que monstro! » Asseguro-vos entretanto que sou o rapaz mais inoffensivo do mundo; mas o coração do homem, ainda que não seja, comparando bem, tão singular como o da mulher, é ainda assim uma singularissima cousa, e ninguém pode responder pelo que lhe acontecerá, nem mesmo vós minha senhora. Assim, por exemplo, é provavel que tendo-vos conhecido mais cedo, só a vos teria amado; mas eu não vos conhecia.

Clary era alta e airosa como uma Diana antiga: tinha os mais bellos olhos do mundo, sobranceilhas que se poderia acreditar serem traçadas a pincel, nariz fino, de perfil atrevido, a côr d'uma palidez calida e transparente, as mãos finas e correctas, o braço encantador ainda que um pouco magro, as espaduas tão perfectas quanto pode tê-las uma moedinha (por que só aos trinta annos é que nascem as bellas espaduas); resumindo, era um verdadeiro fogo.

Enganar-me-hia?

Musidora tinha carnes diaphanas, uma fronte loura e branca, olhos de uma limpidez angelica, cabellos tão finos e tão sedosos, que um sopro os dispersava parecendo duplicar-lhe o volume, e a par disto um péssimo e um corpo de vespa: tel-a-hiam tomado por uma fada.

Não tinha eu razão?

Depois de segundo exame, fiz uma descoberta ainda mais horrivel do que a primeira, é que eu não amava nem Clary nem Musidora; Clary por si só não me agradava senão medianamente; Musidora separada de sua irmã, quasi que perdia para mim todo o encanto; quando estavam juntas o meu amor voltava e encontrava-as igualmente adoraveis. Não era da morena ou da loura que eu estava apaixonado, era da reunião destas dois typos da belleza que as duas irmãs resumiam tão

perfeitamente; eu amava uma especie de ser abstracto, que não era Musidora, que não era Clary, mas que provinha igualmente das duas; um phantasma gracioso nascido da aproximação destas duas meninas, e que ia volteando da primeira á segunda, pedindo a esta o seu doce sorriso, áquelle o seu olhar de fogo; corrigindo a melancolia da loura pela vivacidade da morena, tomando de cada uma o que tinha de mais escolhido, e completando uma com a outra; qualquer cousa de encantador e de indiscriptivel que vinha de ambas, e que desaparecia desde que ellas se separavam. Eu tinha-as fundido no meu amor, e verdadeiramente não as considerava senão como uma unica e mesma pessoa.

Logo que as duas irmãs comprehenderam que era assim e não de outra maneira que eu as amava, — depressa comprehenderam isso, — receberam-me melhor, testemunhando-me d'ahi em diante uma preferencia notavel sobre todos os meus rivales.

Tendo-se offercido ensejo de prestar á mãe, alguns serviços bastante importantes, fui admittido na casa e incluído no numero dos amigos intimos. Para mim estavam sempre visiveis; eu ia e vinha; não me chamavam senão pelo meu nome de baptismo; retocava os desenhos das meninas; assistia ás suas lições de musica, finalmente a minha presença não as encommoedava. Era uma posição horrivel e deliciosa, estava entre os anjos e soffria o martyrio. Em quanto desenhava, as duas irmãs debruçavam-se sobre o meu hombro; sentia-lhes o coração bater e a sua respiração voltar-me nos cabellos, é verdade que são os piores desenhos que na minha vida tenho feito, pois, apesar disso, achavam-nos admiraveis. Quando estávamos no salão, repousavamos todos tres no vão de uma janella, e a cortina que sobre nós cahia com longas pregas, fazia-nos como uma especie de quarto no quarto, e alli estávamos tão independentes, como se estivesse-mos n'um gabinete; Musidora estava á minha esquerda, Clary á direita, tendo uma de suas mãos em cada uma das minhas; nós cacarejavamos como pégas, era um gorgoejo que não entendia-mos; as meninas fallavam ao mesmo tempo, e acontecia-me muitas vezes dar a Clary a resposta de Musidora, e assim continuavamos; e algumas vezes isso dava lugar a trocadilhos tão encantadores, a quiproquós tão comicos, que para rir apertavamos as ilhargas. Em quanto isto durava, a mãe fazia rêde, lia algum jornal antigo ou dormitava na sua cadeira de braços.

A minha posição era certamente digna de inveja e tanto que mesmo em sonho, não a poderia ter desejado melhor, entretanto eu considerava-me mediocrementemente feliz: se a brincar eu beijava Clary, sentia que me faltava alguma cousa e que

o beijo não tinha sido completo; então, corria a beijar Musidora, mas repetia-se o mesmo effeito no sentido inverso; com uma eu tinha saudades da outra, e a minha voluptuosidade não seria completa senão pudesse abraçar ambas ao mesmo tempo.

A cousa não era muito commoda.

(Continúa)

ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

Á CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. F. DAS NEVES

I

Preparos de viagem

Os pretos das cercanias de Lourenço Marques (1) são indisputavelmente os primeiros atiradores e os melhores caçadores de elephantes de toda a Africa Oriental. Geralmente todos atiram bem, porém o bom caçador de elephantes distingue-se muito dos outros. E' temivel na guerra: tiro seu faz infalivelmente abater um preto, ainda a grande distancia.

Antes de emprender a primeira viagem ao interior já eu tinha caçadores que mandava, por turnos, á caça dos elephantes. Os caçadores eram remunerados na proporção do mamão que caçavam. Deduzidas as despesas, do que sobrava pagava-se-lhes metade em fazendas. Eram importantes os gastos de uma viagem a grande distancia. Cada caçador levava 12 arrateis de pólvora fina; 250 balas de calibre 4, 5, e não menos de 6 em arratel, fundidas de tres quartas partes de chumbo e uma de estanho, e as respectivas capsulas. Estes antigos custavam, n'aquelle tempo, o quadruplo do custo da Europa. Para conduzir os materiaes e mais objectos de cada caçador, eram necessarios quatro carregadores. Cada um d'estes ganhava n'uma viagem de 120 leguas, 7\$500 réis proximoamente, pagos adiantados. Além d'estes caracia-se de outros para o transporte de fa-

(1) Lourenço Marques é uma povoação portugueza da Africa Oriental, situada no extremo sul da provincia de Moçambique. Deriva o seu nome de um portuguez, que primeiramente descobriu e explorou a sua vastissima bahia. E' o porto mais importante de toda a costa oriental, e facilmente accessivel a navios de alto bordo.

sendas, que eram indispensaveis para compra de mantimentos e outras despesas.

O dispendio mais consideravel eram os adiantamentos, feitos aos caçadores. Regulavam por 185000 réis a cada um.

A primeira cousa de que se tratava, quando se emprendia uma viagem ao interior, era de contratar carregadores. Depois de pagos, procedia-se á fundição das balas, tarefa que durava quatro dias, e que era feita pelos proprios caçadores. Estes vinham invariavelmente acompanhados dos irmãos e cunhados, que só tinham em mira beber da aguardente que os caçadores me apanhavam por esta occasião. Acabado este trabalho, tres ou quatro dias depois, seguia-se a distribuição das balas, pólvora e capsulas. Nesta occasião vinham os moços de todos os caçadores. Os pais, irmãos, cunhados e demais parentes não faltam n'este dia de grande festa, por ser dia de muita aguardente. Enxugavam-me um baril de 100 litros de cachaça, que eu tinha o cuidado de só distribuir depois de amarradas as cargas de balas e pólvora, porque a embriaguez era inevitavel.

A distribuição fazia-se no quintal. Como medida preventiva de provavel invasão da negraria de fóra, attrahida pelo aroma da deliciosa bebida, tapavam-se as avenidas. Tomadas estas precauções, mandava sahir para o quintal todos os pretos.

Primeiramente collocava-se no meio do quintal uma celha, e junto d'ella duas canecas de tres decilitros de capacidade; e em seguida procedia-se á abertura do baril. Mettida a respectiva torneira, era collocado sobre dois tóros. Immediatamente destacava para junto do baril uma sentinella de um dos meus pretos de casa, aos quaes, n'este dia, era absolutamente prohibido beber aguardente, porque era indispensavel mantel-os em seu juizo, afim de policiarem os outros.

A algazarra que faziam era estrondosa e medonha, mas apenas principiava a abertura do barril, cessava logo, sendo substituida por um silencio profundo. O impinar do barril, afim de abrir n'um dos tampos um buraco para metter a torneira; o tornar a deital-o, e a abrir-lhe junto do batoque um furo para a entrada do ar; o levantá-lo depois para o encanteirar; todos estes movimentos eram acompanhados pelos olhares attentos dos pretos, que estavam sentados

no chão com as mãos cruzadas em cima dos joelhos e a barba encostada ás mãos.

Encanteirado o barril, enchia-se a celha de aguardente, proximo da qual me postava logo com o poder executivo nas mãos, um varapau. Esta aguardente era só para os carregadores, que formavam um grupo separado. Os caçadores formavam magote á parte, e por traz d'elles agrupavam-se os pais, irmãos, cunhados e demais parentes. Imperava ainda profundo silencio em toda a negraria. O espirito d'elles estava magnetizado pelo espirito da celha.

Era enfim chegado o momento de beber o delicioso licôr. Em primeiro lugar, por meu mandado, *chumbutara* (provava), da aguardente o carpinteiro, tambem preto, que havia mettido a torneira ao barril. Fazia-me um rapa-pés, e enchia de aguardente uma caneca, bebendo-a de um trago. Então os olhos dos pretos abriam-se extraordinariamente. O movimento das guellas do carpinteiro, no acto de beber, reproduzia-se nas de todos os pretos em geral.

As boccas abriam-se e fechavam-se involuntariamente; e mastigavam e enguliam, como se estivessem já a saborear aquelle liquido, que para os paladares africanos é o superlativo do que ha de mais estimavel. O carpinteiro, quando acabava de beber, olhava para mim, fazendo um movimento com a caneca para a celha, como quem queria repetir a dose; porém um olhar severo da minha parte fazia-lhe comprehender, que não era permittido tirar mais. Visivelmente maguado depunha a caneca e retirava-se, executando outro rapa-pés.

Tocava então a vez aos carregadores. A cada um era permittido encher uma caneca e beber, sendo-lhes prohibido chegar ao pé da celha mais de dois de cada vez. Os que bebiam primeiro iam sentar-se para um lugar separado.

Apenas os carregadores principiavam a beber, a algazarra recommecava. Os que se aproximavam da celha, antes de chegar a sua vez, experimentavam no costado o rigor do poder executivo, o que era motivo de estrondosa risota para os outros. Depois de todos beberem, se ficava alguma aguardente na celha, abandonava-a aos carregadores mais qualificados na guerra, não deixando por isso de haver entre elles alguma lambada; acto continuo distribuia-se pelos caçadores a restante aguardente, que era mais de tres quartas partes do barril. Esta distribuição fazia-se em

botijas e garrafas, e os melhores caçadores eram contemplados com maior porção.

Concluída a distribuição, cada caçador formava logo um grupo separado com os seus parentes.

O *cunhado grande* (irmão da primeira mulher), era a primeira pessoa que o caçador apresentava, depois o pai, e em seguida cada um dos outros cunhados. Reservava para si tres ou quatro garrafas, que bebia com os irmãos e amigos. Os efeitos da aguardente não tardavam a apparecer. Faziam-se annunciar pela dansa e cantos de guerra. As proezas praticadas por cada um d'elles eram exprimidas em phrases bellicosas, gestos expressivos e movimentos aguerridos. Desde então a algazarra attingia proporções infernaes. Pela minha parte fechava-me dentro da casa, piffa fugir ás exigencias que os caçadores, depois de beberem, não cessavam de fazer-me. Algumas vezes, porém, a minha presença era absolutamente indispensavel, afim de acalmar algum magote de pretos, que estavam em desordem.

O unico meio de restabelecer a ordem entre elles era a paulada, que, aliás, não parecia magual-os muito.

Eram variados os efeitos da embriaguez. Aqui viam-se uns pretos, com a *capelana* (panno de uma braga quadrada que lhes serve de capa), cingida á cintura, estendidos no solo como uma massa inerte. Ali dois ou tres em igual estado, e ainda alguns sentados no chão com as pernas estendidas, já sem acção, e o resto do corpo vacillante, fazendo esforços desesperados para se manterem n'aquella posição. Mais além, tres ou quatro carregadores em completo estado de nudez, já sem *majoro* (vestimenta de pelles que atam á cintura e que lhes cobre as partes sexuaes), com o corpo emborralhado e o nariz e beiços ensanguentados, em resultado dos repetidos trambolhões, cantando ainda com voz muito rouca e desfallecida, e tombando ao mais pequeno movimento. N'outra parte avistava-se ainda um grupo de vinte e trinta, sem cambalear, dansando e entoando cantos de guerra; já deslizando-se-lhes, todavia, a espuma pelos cantos da bocca, signal evidente de que *Baccho* principiava já a produzir n'elles a sua energica acção.

Era assim que terminava o dia da distribuição dos materiaes para a caça. Quando os carregadores levavam as cargas era já alta noite. Felizmente os caçadores, mais habituados á bebida, não perdiam de todo o tino, e acompanhavam aquelles, para evitar que extraviassem as cargas.

Dois dias após a distribuição volviam os caçadores. D'esta vez traziam somente as mulheres e pais, para receberem os adiantamentos. Por esta occasião tambem apanhavam algumas garrafas de aguardente que repartiam com as mulheres.

(Continúa)

OS NOIVOS

(COMEDIA BURGUEZA — 1.º VOL.)

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Quando Eça de Queiroz publicou na *Revista Occidental*, de Lisboa, o seu primeiro romance realista, — *O Crime do Padre Amaro* —, poucos deram com o fresco colorido das scenas, com o destragamento de linguagem, hoje tão verberado pelos officiosos criticos que tem a seu cargo a paca-tez gorda, choramenta e imbecil da velha prosa romantica; os *Aristarchos* dormiam. O *Primo Basilio*, porém, estourando bombardeantemente no castello feudal das antigas convenções litterarias, conseguiu acordar os indolentes, que d'olho á espreita, despejaram-lhe os arcabuzes da rhetorica vermelha da sua indignação. O *realismo* tinha e tem d'olho expurgar a litteratura dos seus falsos principios decadentes; arrancar-lhe o veo florido que lhe cobre as pustulas da alma; dar ao personagem romantico, producto de fantasias candentes, o caracter do homem social, do homem positivo, tal qual nós o conhecemos, tal qual o sentimos; tal qual elle realmente existe na sociedade.

Monte Christo desapareceu. Rocambole era exeresencia absurda e Margarida Gauthier um cancro a evitar depois da anatomia moral feita no caracter doentio de Armando Duval.

O *Primo Basilio* apresenta-nos uma mulher que cahie por causa dos vicios da sua educação; preyme a sociedade, tacitamente, apresentando a nós a hediondez do caracter de Basilio, typo vulgar, educado nos vicios da elegancia, nas abjecções cobertas com o frack do dandysmo parisiense; mostra-nos o homem bem educado, o homem util, prestimoso e bom, de habitos simples, burguez, na figura magistralmente traçada de Sebastião.

Ha, entretanto, verdadeiros adeptos do *realismo*, que não admittem em Eça de Queiroz a nudez descarada das scenas do sofá e do *parizo*. Acham-n'as abjectas, obscenas, más.

E' neste ponto, sobre o qual fazem, quasi exclusivamente, a critica desse genero litterario, que se pode excluir Teixeira de Queiroz.

No primeiro volume da *Comedia do Campo*, dá-nos este bom auctor um punhado de contos de aldeia, simples, bons, rescentes dos perfumes activos, frescos e orvalhados do campo, traçando caracteres verdadeiros, scenas reaes, vulgares, producto da mais fina observação, sob os modernos assumptos expostos. No segundo volume faz um romance da simplicidade aldeã, varada pela influencia poderosa do clero utilitario sobre as consciencias fracas do povo sem instrueção. O romance intitula-se: — *Amor Divino (estudo pathologico de uma santa)*. Neste livro, porém, o auctor apenas defende a sua these. Falta-lhe acção, falta-lhe personagens, falta-lhe vida; limita-se á pintura de admiraveis quadros, e ao estudo de-nm temperamento.

Os *Neivos*, ultimo romance d'este auctor, e primeiro da collecção — *Comedia BURGUEZA* — é um livro melhor, escripto a traço mais seguro de estylo perfeito, de acção variada, com abundancia de personagens e profusão de scenas boas, de situações verdadeiras, effectuadas no momento dado, no occasio precisa e fatal do encontro das pessoas: miada observação, alto conceito philosophico, bom aproveitamento de phenomenos sociais, postos em discussão, esmerilhados, com conclusões logicas, racionais, perfectas.

Seguindo um das importantes preceitos da moderna escola, é minucioso nas descripções, encontrando sempre, naturalmente, a palavra precisa para dar ao leitor perfeita ideia do objecto descrito.

O estylo é fluente, corrente, elegante; moderno sem a agglomeração de adjectivos retumbantes, sem as paginas palavrosas, de termos caprichosos e venhos extravagantes, em que abunda o formigueiro dos realistas insignificantes.

Ha, nos *Neivos*, quadros palpitanes de vida, admiraveis de observação, escriptos sobriamente, em poucas palavras e dando clara ideia do pensamento do auctor. O padre Brito, um bom type, vem para casa depois da hora do almoço, e eram onze horas. Vinha da festa das filhas de Maria, impaciente, aborrecido, mal humorado.... Entrou no quarto, abrindo a porta da escada com a chave que tinha no bolso, descalçou as botas, arremessando-as para um canto, e vestio atropadamente o seu casaco de alpaca. Depois, entrou na sala de jantar dizendo alto, n'uma voz claramente exigente:

— Esse diabo de almoço!

A cozinheira, a Rosa, veio pouco depois. Trazia um prato azul, onde se via um bife escuro, resequito, quasi desprezado. Os seus braços musculosos, engordurados, deram uma sensação desagradavel ao padre Brito, engulhando-se-lhe o estomago. Quando a cozinheira, com um gesto proprio dos seus habitos, arremessou o prato para diante da cadeira do ecclesiastico, disse-lhe elle do vão da janella:

— Bem podia andar com essas mãos lavadas. Porque não veio a Margarida trazer o almoço? Você, mulher, mette nojo.

A Margarida andava a fazer as camas. Não podia estar em toda a parte. Havia muito mais que fazer, mais pessoas que servir. Se estava suja, é que andava na cozinha, a trabalhar. O senhor padre Brito não ia lá, fazer a obrigação d'ella! Estar n'uma cozinha, não era o mesmo que estar n'uma sacristia, muito recostado, de parola.

— Vieste o senhor ás horas que devia vir, que já era servido pela Margarida — rematou-lhe com sarcasmo, offendida por esta preferencia.

O ecclesiastico ouviu todo aquelle aramel, n'uma apparente serenidade. No fim, quando a Rosa tinha acabado, disse com um sorriso de colera concentrada:

— Ora valha a mil diabos e mais ao seu palavreado! Tem muita lingua pelo que vejo. Se lhe cortassem metade, não era mal feito...

E, relanceando um olhar desprezivel sobre o bife, accrescentou, sentando-se pesadamente:

— Melhor aprendesse a fazer isto em termos... Vejam que bife, que porcaria! Parece um pedaço de sola de sapato!

— Que tal elle vem hoje! — observou a cozinheira de modo que não se ouviu.

E o padre Brito, n'um evidente mau humor, preparou-se para começar o almoço.

Tentou primeiro partir o bife ao meio, mas não lhe era possivel: — como faca ameaçava-o, contundia-o, tritura-o, retorcia-o; mas não o cortava. O ecclesiastico empregava um grande esforço: — comprimia o bife entre a faca e o prato, segurava-o com o garfo, subjugava-o tendo os cotovellos levantados e o olhar firme. Porém o bife con-

torcia-se, arreganhava-se n'um cruel riso de morte, humilhava-se resvalando do prato sobre a toalha, talvez com a intenção de fugir ao supplicio, mas não se deixava dividir em dois!

Esta pagina é admiravel e, só por si, demonstra o que é o romance, como livro de observação e como obra de estylo.

Os livros de Teixeira de Omeiro são, pois, um claro aberto entre o romantismo condemnado e o realismo condemnavel.

E' o que o auctor denomina um romance critico:

« O espirito positivista que predomina actualmente em sciencia e em philosophia, tem como uma das suas manifestações na arte o romance critico. Esta forma litteraria, sendo a ultima, deve ser a melhor para exprimir a complicada vida moderna. »

« O romance moderno deseja a formação do sentir verdadeiro e desaffectedado; por isso trata desapiedadamente tudo que é postico e banal. »

Para chegar a este fim, necessita de ter um bom senso volteriano, servido pela ironia travessa de Rabelais. »

Fechamos ainda esta ligeira apreciação, transcrevendo do prologo estas judiciosas considerações:

... « Portanto, o romance critico, tem o seu ideal na successiva approximação da natureza, a sua philosophia na minuciosa comprehensão dos factos, a sua moral na reconstrução do sentir sincero e desaffectedado. A verdade é só a verdade, procurada sem partido e sem rancor, adquirida com a maior honradez, é o que deve preoccupar o analista. O romance, como o comprehendeu o genio de Balzac, ha de ser a historia natural da vida humana — cada romance será uma monographia. »

« A *Comedia BURGUEZA* — estudos physiologicos e sociais das classes actualmente dominantes — é principiaida com estas intenções, como já o foi a *Comedia do Campo*. »

F. D'A.

A VERDADEIRA CARIDADE

A' gentileza d'um cavalheiro, nosso amigo, devemos o ensejo de podermos avaliar bem de perto os importantes beneficios que tem prestado e continua a prestar o hospital dos Lasaros, que muitos dos nossos leitores não conhecem.

E' o caso que fornecendo-se-nos um exemplar do relatorio da digna administração d'aquelle modesto asylo, onde não penetra a vaidade, nem tem guardida a ostentação de que faz o garbo os improvisados philanthropos, que tudo avassalam e corrompem no intuito de apparecer, lemos esse bem elaborado trabalho, e, com algumas informações que a sua leitura provocou, e nos foram ministradas, julgamo-nos habilitados a dar succinta ideia da missão importante, humanitaria e civilisadora, que tem por objectivo o estabelecimento de caridade de que nos occupamos.

O vice-rei conde de Bobadella, compadecido do afflictivo estado de varios indigentes accommettidos da terrivel molestia que se denomina *morphéa*

e que nessa epocha começava a desenvolver-se no Brazil, resolveu, animado dos sentimentos humanitarios que o caracterisavam, manter a expensas suas esses desgraçados que viviam antes abandonados e sujeitos á cruenta morte que a fome occasiona! Mas um golpe terrivel os surpreheide, e eis-os de novo privados. aquelles infelizes morpheticos, do pão abençoado e mais ainda do bemfeitor que idolatravam.

Acontecimentos politicos haviam concorrido para a retirada do preclaro cidadão conde de Bobadella do cargo que occupava.

A indifferença dos governos para tudo quanto não seja collectar o povo ou manter o mesmo povo na disciplina politica como base para sua ascensão e estabilidade no poder—deu lugar a que o substituto do vice-rei nem ao menos cogitasse nos meios de beneficiar os socorridos de seu antecessor, á custa alheia, appellando para a caridade publica!

Os nobres exemplos, porem, não são olvidados: entre a multidão dos egoistas, dos homens inuteis e prejudiciaes á humanidade, ainda se encontra um ou outro que, imitando o procedimento de Bobadella, protege os infelizes, que a propria hediondez da molestia faz quasi todos fugir do seu contacto!

D. Frei Antonio do Desterro, então Bispo desta diocese, no louvavel intuito de poupar aos morpheticos a afflicção do abandono, já que não era facil evitar-lhes a da molestia, appellou para a Irmandade do Santissimo Sacramento da Igreja da Candelaria, cuja administração, acquiescendo ao empenho louvavel d'aquelle virtuoso prelado, tomou a si, aliás com os maiores sacrificios, a manutenção dos morpheticos, e, para isso, asy-lou-os desde 1738 no convento em S. Christovão, que fôra da extinta companhia de Jesus e obtido graças a intervenção do vice-rei que substituiu Bobadella, n'essa occasião mais compade-cido do miserando estado de tão infelizes crea-turas. Alli, nesse importante estabelecimento conhecido por « Hospital dos Lazaros » tem até hoje as administrações da Irmandade da freguezia da Candelaria dado entrada a quantos, accommettidos da terrivel molestia, vêm-se desamparados. As tentativas feitas pela medicina, para combater aquelle mal, têm sido infructiferas; entre-tanto, em compensação da impossibilidade da cura, encontram os enfermos alli asylos, boa alimentação, recreio, bibliotheca para instruir-se; emfim, tudo quanto é indispensavel para mino-

rar a triste e deploravel sorte d'aquelles desgraçados accommettidos d'uma enfermidade incuravel e assaz repugnante.

Taes são os importantes beneficos que presta ha mais de seculo o Hospital dos Lazaros, para os quaes aliás muito têm contribuido as administrações da referida Irmandade da Candelaria, sempre compostas de verdadeiros philantropos, ser-vos do dever, em beneficio dos seus semelhantes. O governo, apesar de reconhecer, que não é pou-co ver asylos aquelles infelizes e assim poupar-se ao povo o triste espectáculo de ver transitando pelas ruas e praças da nossa cidade dezenas de morpheticos, o governo, repetimos, nada ou pou-co tem feito em beneficio d'aquelle asylo de cari-dade; ao contrario, imitando o governo da me-tropole, talvez pense que é pouco onerar a renda da Irmandade da Candelaria, com decimas duplas sobre os alugueis dos predios que lhe pertencem, e tente afinal fazer converter o valor d'esses pre-dios em titulos da divida publica, para diminui-ção de renda; mas acreditamos que se tal acon-tecer, o povo actual, imitando, em identicas cir-cumstancias, o nobre exemplo dos seus antepas-sados, no periodo da metropole, não lançará um ceartil sobre a propriedade da irmandade d S.S. da Freguezia da Candelaria, que, alem de manter o hospital dos Lazaros, livra da miseria, da fome e da vergonha a milhares de pobres, d'esses que preferem a desgraça occulta no lar domestico, a mendigar pelas praças publicas o obulo da cari-dade! Essa irmandade, pois, bem compenetrada da sua nobre e evangelica missão, soccorre os pobres envergonhados, sem que a esmola offenda o brio do homem de bem nem offusque o pulcor da mulher honesta.

E' por isso que os verdadeiros christão concorrem com a sua bolsa e trabalham gratuitamente para que perdure a instituição que tanto bem proporciona á humanidade que soffre.

Esses bemfeitores têm feito tambem donativos directamente ao hospital dos Lazaros, e sua ad-ministração, que é sempre a mesma da irmandade da Candelaria, reconhecendo a espontaneidade e o merecimento do auxilio, costuma mandar ex-trahir a oleo os retratos dos bemfeitores para collocal-os na galeria do hospital.

N'esse acto, um dos membros da administração faz o panegyrico do bemfeitor, para que os asyla-dos, perpetuando a sua memoria, reverenciem áquelle que d'elles se lembrou sem outro fim que não fôsse a caridade.

Temos em mão um d'esse panegyrico feito na sollemnidade a que deu lugar ultimamente a collocação do retrato de mais um bemfeitor, hoje fallecido, e cuja perda os pobres a quem elle soccorria devem lastimar.

E' um discurso notavel, já pelo assumpto que é a eloquente manifestação de reconhecimento dos infelizes morpheticos, já pelo estylo que aproveita pelas sans doutrinas philosophicas que o trabalho encerra. O maior elogio que podemos fazer ao seu auctor, o Snr. Luiz Augusto de Magalhães, que sentimos não conhecer pessoalmente, é transcrever o referido discurso, para que os nossos leitores, lendo-o dêem-lhe o verdadeiro merecimento:

« E' esplendida a apothese da virtude, quando o seu panegyrico define a expressão espontanea de um sentimento sincero; é porem, mais sublime o seu triumpho, quando a justiça, na sua convicção intima, galardoa o verdadeiro merito, dispensando-lhe attributos condignos; é mais imponente a sua victoria, sempre que a gratidão eleva-se á altura de um culto, para depôr na ara santa o dever a offerenda d'um reconhecimento eterno; importa a sublimidade de um principio grandioso e representa a magnitude de um sentimento moral, quando o beneficiado, de joelhos nos degraus d'um tumulo, attenta no seu bemfeitor a natureza do beneficio.

Convicto de principios tão elevados e inspirado nas sãs doutrinas que delles resultam, o Imperial Hospital dos Lazaros, ceden lo ao nobilissimo impulso de uma nobilissima gratidão, rende hoje um preito de sincera homenagem, expondo á veneração publica, o retrato d'um generoso bemfeitor.

Senhores. O venerando adreção, que a arte de Rubens e de Raphael desenhou nesta tela, já percorreu a carreira que lhe fôra traçada!... Ausentou-se de nós!... Desappareceu!... A mão descarnada e fria da morte riscou-lhe o nome do livro dos vivos, para inscrever-lhe no registro d'um cemiterio!...

Amigo dedicado, cidadão prestante e bemfeitor da humanidade, são justos attributos que a saudade dos amigos presta, a voz da historia proclama, e o Imperial Hospital dos Lazaros confere a José Francisco de Mesquita, 1.º Barão, 1.º Visconde, 1.º Conde e 1.º Marquez de Bomfim.

Faltam-me os requesitos precisos, para, em alto relaxo, descrever o illustre bemfeitor que esta tela representa, está, porém, na consciencia de

tão illustrado auditorio; todos nós sabemos de quem é este retrato e o que valia este homem: a biographia do Marquez de Bomfim é a synthese mais conceituosa das lutas do labor honrado; a biographia do Marquez de Bomfim é a demonstração do grão a que na escala social pode attingir aquelle que, no estadio da vida, tem sempre por norma de conducta a honra e por divisa o trabalho: é certo que o nobre Marquez de Bomfim não atrou o Brazil com altas combinações politicas; não deslumbrou os seus concidadãos com bastos projectos gigantescos, não revolucionou as artes e as sciencias com pasmosas descobertas, nem maravilhosos inventos; mas, é certo tambem que foi um negociante honradissimo, prestou relevantissimos serviços ao seu paiz, foi amparo e protecção ao desvalimento, soccou muitas lagrimas, matou muitas dôres e salvou muitas reputações: não necessitamos desenrolar o quadro da sua vida nem a largos traços descrever as eminentes qualidades que tanto caracterisavam o Marquez de Bomfim; fallem, por nós, aquelles que privaram da sua intimidade e que, com saudosa recordação, ainda hoje deploram uma vida que para sempre se finou; atteste o Brazil, que, sobresaltado, ao ver relada no abysmo d'um sepulchro a corôa do Marquez com que a munificencia imperial lhe galardouara os feitos, ergueu-se reconhecho, para cingir-lhe a corôa civica, que a mãe patria reserva aos filhos mais dilectos; fallem, por nós, esses infelizes de todas as condições de todos os sexos e de todas as idades, a quem a generosidade do philantropo Marquez arcanou á fome e á desesperação; diga-o, finalmente, o Imperial Hospital dos Lazaros, que, não podendo gelar nos labios a lava abraçadora, que a gratidão faz trasbordar do peito, encarregou-nos de ser, hoje, aqui e perante tão illustrado auditorio, o interprete dos miseros enfermos da Elephantiasis dos Gregos.

Senhores. A linguagem do reconhecimento nunca deve ser degradada pelas paixões, pode, porém, emprestar-nos epithetos immerecidos, um mundo que tudo desvirtua e que as mais das vezes leva á conta de servilismo o que simplesmente significa cumprimento d'um dever; no meio de uma tal sociedade tão lastimavelmente cancerada de materialismo, d'uma sociedade que se desvaneca de ter por Capitolio o mercado e por dogma o interesse, seria bem possivel, que alguém tentasse maisinar-nos a palavra, a nós, que viemos hoje aqui cumprir um dever e satisfazer uma

obrigação, se, porém, em abono das proposições enunciatas, necessitassemos de meios mais energicos de consicção, não teriamos a minima difficuldade em apostrophar tão luzido auditorio e estamos certos, que não faltariam n'elle cavalheiros que com o seu nome respeitavel garantissem a verdade das nossas asserções.

Somos neste momento, o orgão dos maiores infelizes do mundo l...

Infelizes a quem até já fallece o desafogo das lagrimas, porque já não têm mais lagrimas para chorar!...

Mizeros viventes, sem familia, sem ambições e sem futuro, segregados dos seus mais caros affectos, longe do tecto que lhes foi berço, sempre a descer da sciencia, e, constantemente, obrigados a ver nos seus companheiros de infortunio o espelho onde se reflecte o horror de si mesmos, mas resignados e reconhecidos, porque, se descreem da sciencia, enêm na caridade, e, se para lhes mitigar as dôres, não têm junto de si os entes que lhes são mais caros, têm, para lhes suavisar o martyrio, os confortos d'uma religião santa e a dedicação da Irmandade do Santissimo Sacramento de N. S. da Candelaria.

Filhos da desventura: o venerando ancião que alli vedes retratado foi apostolo da mais sublime das virtudes, exerceu a caridade, a caridade sem vangloria, a caridade sem ostentação, a verdadeira caridade, essa caridade, finalmente, cujo grito levantado pela primeira vez em Israel devia, dezanove seculos depois, tornar-se um dogma e constituir um apostolado: aquelle retrato, que, alli, vedes pendente representa um homem, que, das ennuencias sociaes onde os proprios meritos o elevaram, não se esqueceu de que vós existieis e que a vossa existencia era um martyrio de dôres: d'ora avante, quando attentardes esta veneranda effigie curvae-vos reverentes, e, se vos inquirirem, de quem é este retrato e o que faz aqui, respondei-lhe—é o retrato do Marquez de Bomfim que occupa, entre os bemfeitores deste santo asylo, o logar que lhe compete.

Marquez de Bomfim, o gusano dos tumulos já pulverizou o involucro terrestre de que vos despredestes l... O vosso espirito, alando-se a regiões ignotas, já recebeu do Supremo Senhor dos mundos a corôa de gloria, conquistada nos certames da vida l... Hoje, apenas, guardam a vossa memoria aquelles que, rememorando as vossas virtudes, lamentam com saudosa recordação o amigo dedicado, que tantas vezes lhes foi exem-

plo e conselho l... Hoje, apenas, guardam a vossa memoria esses infelizes a quem inumeras vezes amparastes, auxiliastes e soccorrestes l... Hoje, enfim, entre os que mais conservam a vossa lembrança, occupa o primeiro lugar o Imperial Hospital dos Lazaros, que engastando no sacrario de suas mais presadas memorias, tantos serviços e benemerancias, faz hoje do seu reflexo um cirio mortuario para illuminar-vas tantas virtudes. Meus senhores — Esta modesta memoria é um tributo de amor e saudade: esta modesta memoria é um preito de sincera homenagem: esta modesta memoria, finalmente, é a sagração do Marquez de Bomfim, bemfeitor do Imperial Hospital dos Lazaros.»

Eis a recompensa reservada para quem se lembra dos pobres, sem fazer ostentação.

O exemplo deve ser imitado pelos verdadeiros christãos: o merecimento do obulo não está no valor, mas na intenção nobre e caridosa.

1879—Outubro 19.

L. F.

TIRADENTES

I

Out'ora nas selvas das negras florestas,
Que encobrem o solo do immenso sertão,
Um ecco longiuquo vibrando nos ares
— Brasil!... Liberdade!... »bramiu na amplitude!

A noite vai alta... completo silencio...
Só rugem as fêras no escuro covil;
Na esphera celeste fulguram esparsas
Estrellas que a terra contemplan do anil.

Um vulto perpassa... Galopa o corsel
Cavando co'as patas velozes o chão:
Faíscas de fogo desfere das pedras,
Quaes chispas que deita medonho trovão!

Os cedros conversam... O vento que passa
As fallas da matta rediz muito além;
As fragoas feridas do louco tropel
Ao longe convulsas murmuram também.

Não pára!... não cança!... Nessa hora se o vissem
Co'a mão estendida roçando nos céus,
Washington novo, com espanto dirião,
Mil astros e raios jogando nos seus!

No entanto chegáras defronte á cidade
— Gigante cansado que ao sono tombou,
No centro da praça se erguia uma força
Que aos livres a lei do tyranno plantou...

Por sobre esse povo que triste estava
Olhares de fogo, sinistros ergueu,
E um ecco vibrando mui longe pesado
A' voz desse vulto nas fragoas gemeu:

II

« Silencio, mortaes!... eu ouço
Bramir nos céus o canhão:
A nuvem de Oitenta e Nove
Beita ao longe esse trovão;
E' o astro puro da esperança
Que dos céus da culta França
Um raio de morte lança
Sobre a triste escravidão! »

« E' bello vêr-se esse povo
— Que o mundo grato bendiz —
Clamando á frente do seculo:
— Sou grande o livre e feliz!... »
Diz-lhe o seculo: — « Avante, vem...
Quem nos impede?... Ninguém! »
E a França altiva tambem:
— Liberdade!... ao mundo diz!

« Tremem os reis nos palacios
A' voz que ao longe bradon;
Uma nova Babylonia
No passado se abysmou.
A mão do tempo — verdade! —
Traçara na immensidade;
Outra mão — fatalidade! —
Na Historia Franca traçou t...

« Ergue-se o povo colerico
E quebra a ferrea prisão;
Curva-se agora o tyranno
E pede humilde perdão!...
Mas desse abysmo insondavel
Sae uma voz implacavel,
Que lhe diz inexoravel:
— « Sou do mundo a expiação!... »

III

« Brazil!... um dia sonhei-te
Livre e grande entre as nações,
Vi o teu nome gravado
Nas longinquas regiões;

Vi teus filhos caminhando,
Uns aos outros se abraçando,
A patria sua cantando,
Entre as novas gerações.

« Vi-te surgir do levante
Exulto em vivo clarão,
E alistar-te corajoso
Sob o novo pavilhão;
E onde os gigantes da Historia,
— Os bravos — Cantam victoria
Ouvi-os dizendo: — Gloria!...
Sê bem vindo, nosso irmão!... »

« Mas o que... foi tudo um sonho
Que ao vendaval se desfez:
A deusa da Liberdade
Sumiu-se por uma vez...
Mentira! que um povo bravo
Morre sim... mas ser escravo...
Oh! nunca!... que o ser ignavo
E' não ter brio, altivez!... »

« Vou morrer!... além na praça
Reluz no escuro um punhal...
Covardes!... nem elles sabem
Que Oitenta e Nove é fatal!...
Que importa!... morro contente
Porque sei que fatalmente
A idéa agora nascente
Ha de ser universal!... »

Inda fallando procurou a força
Que lhe apontava para o céu da gloria.
E lá do alto sua cabeça augusta
Rolou solemne sobre o chão da Historia
Inda fallava... mas a voz tão fraca
Murmura apenas: — « Meus irmãos, vingança!... »
E ensanguentada foi cahir na tumba
Onde — sublime — de lutar descança!...

IV

Mas hoje... nas horas que a noite co'as azas
Encobre, qual corvo, dos céus a extensão;
Que o mocho gargalha voando no espaço,
Com voz agoureira, tristonha canção;

Que os ramos se curvam ao vento que passa
Nas folhas da matta medonho a zunir;
Que os tigres percorrem o cume da serra
Os ares troando com fero rugir;

Que reina o silencio na terra que jaz
No leito do somno cabida a sonhar,
E longe, nas trevas, as ondas se encontram
Luctando sosinhas no alysmo do mar ;

O vulto soberbo, medonho, sombrio,
Errante inda vaga no immenso sertão,
E um ecco longinquo bramindo nos ares
— « Brazil!... Liberdade!... » rediz na amplidão !

SILVESTRE DE LIMA.

PORQUE ?

Diabo! eu não sei bem que sensação é esta,
Que em noite me transforma o dia da existencia,
Se volto o meu pensar inquieto a vossa excellencia.
O homem da natureza é o tigre da floresta,

Obra instinctivamente, opéra sem prudencia,
Deixa fallar a carne, — é o animal, a besta.
Mas o homem social, que assiste á grande festa
Da civilisação, da luz, da intelligencia,

Acorrenta o instincto, entrega-se á razão,
E sente luz no cráneo e luz no coração,
Entendo assim, mas sou — e sou-o com surpresa !

Juncto de vossa excellencia o homem social,
Mas, se em si penso a sós, no physico e moral
Sinto-me unicamente — o homem da natureza !...

F. D'ALMEIDA.

REVISTA COMMERCIAL

PRIMEIRA QUINZENA DO MEZ DE OUTUBRO DE 1879

Não é nosso intuito fazer desenvolvida exposição do estado de nossa praça no periodo decorrido de 1 a 15 do corrente mez, que não comporta a nossa publicação esse desenvolvimento aliás mais consentaneo com as publicações diarias das quaes algumas largamente costumam tratar de tão importante assumpto, e por isso apenas nos limitaremos, sem maiores detalhes, a demonstrar o que fôr bastante para se poder apreciar qual o movimento e cotação, no referido periodo, d'alguns generos, como tambem de outros valores, apre-goados na Bolsa e que maior interesse possam offerecer ao geral de nossos assignantes, a quem desejamos ser agradaveis, e esse empenho constante nos levará de certo, no futuro, a modificar ou ampliar esta secção da Revista, se a pratica nol-o aconselhar.

GAMBIOES :

O mercado tem conservado, no periodo acima, as seguintes taxas bancarias, para cuja estabilidade julgamos que não pouco tenha contribuido a concorrência do Banco do Brazil em operações cambias. Regularam, pois, as mesmas taxas :

s/ Londres, a 90 d/—21 1/2
« Paris, « « 442
« Hamburgo « « 546
« Portugal, « 3 d/—249

FUNDOS PUBLICOS :

O movimento em Apolices, teve lugar aos seguintes preços minimos :

Gaueas de 6 %	Vendedores — 1:030\$000
	Compradoras — 1:026\$000
	Compradas — 1:028\$000
Empréstimo Nacional de 1879	Vendedores — 96 3/4 %
	Compradores — 96 1/2 %
	Compradas —

LETRAS HYPOTHECARIAS

Apesar das oscilações na cotação d'estes titulos, as operações não foram importantes, aos seguintes preços minimos :

	Para venda	Para compra	Compras
Banco do Brazil: 1-c.	91 %		
« « « 2-c.	90 %	89 %	89 %
« « « 10-c.	91 %		91 %
« Predial	82 %	81 %	81, 1/2 %

ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS

No periodo de que tratamos, foi regular o movimento de venda e compra d'estes titulos, sendo, porém, limitadas, as tranzacções que se effectuaram. Regularam os respectivos preços, como em seguida notamos :

BANCOS

	Para venda	Para compra	Compradas
Brasil	260\$000	250\$000	260\$000
Commercial	218\$000	210\$000	—
Commercio	192\$000	185\$000	192\$000
Industrial	215\$000	214\$000	214\$000
Mercantil de Santos	205\$000	198\$000	200\$000
Predial	116\$000	100\$000	—
Rural e Hypothecario	233\$000	233\$000	233\$000

COMPANHIAS D'ESTRADA DE FERRO

	Para venda	Para compra	Compradas
Barão de Araruama	200\$000	—	—
Leopoldina	200\$000	190\$000	200\$000
ditas (obrigações de preferencia)	206\$000	203\$000	205\$000
Macalé e Campos	69\$000	60\$000	70\$000

S. Paulo e Rio de Janeiro.	190\$000	—	—
ditas (subsidiarias)...	20\$000	10\$000	—
ditas (com direito a subsidiarias)	20\$000	200\$000	20\$000
Sorocabana, Deb. £ 50.	81 %	—	—
ditas «Rs. 100\$000	67 %	60 %	—

COMPANHIAS DE BONDS

S. Christovam	200\$000	280\$000	—
Urbanos (carris)...	214\$000	210\$000	215\$000
Villa Isabel	190\$000	170\$000	175\$000

GENEROS

Café: Consideramos, attentas certas circumstancias, regulares as transacções havidas n'este artigo, na quinzena a que nos referimos, ainda que bastante inferiores em igual periodo do anno passado. As entradas diarias regularam, termo médio 11.500 saccas calculamos que o Stock em 18 do corrente, fosse de 160.000 saccas. — Os despachos para embarque, no periodo que passamos em revista, foram de 64.708 saccas, no valor de Rs. 2.261.752/050.

Cotamos no limite dos seguintes preços extremos:

Qualidades	Por arroba	Por kilo
Lavado...	9\$500 a 12\$000	646 a 817
Fino e sup...	10\$400 a 10\$800	708 a 735
1ª Boa...	9\$800 a 10\$000	667 a 681
1ª Ordin...	9\$400 a 9\$600	640 a 653
Regular...	8\$400 a 9\$000	571 a 612
2ª Boa...	7\$600 a 8\$000	517 a 544
2ª Ordin...	6\$400 a 7\$000	435 a 476

Assucar: Não temos ainda a registrar entrada alguma do genero do Norte do Imperio. Continúa, porém o nosso mercado na mesma posição para o assucar branco de Pernambuco, conservando-se as transacções paralisadas, pois, só se vendem pequenas marcas para consumo dos armazens; porque os refinadores dão preferencia aos dos engenhos Centraes em virtude da commodidade dos preços relativamente aos d'aquella procedencia. Os mascavinhos e mascavos bons e seccoos de Campos continuam a gozar sahida facil e mesmo se pode registrar uma pequena alta; os mascavos baixos tambem d'esta procedencia obtiveram comprador sendo negociado um lote de cerca de 2.800 saccos com destino ao Canal. Faltta em absoluto o assucar procedente de Maceió e Aracajú, d'onde se esperam os productos de nova safra, tendo já entrado 92 saccos que supponmos ser branco novo de Pernambuco.

Sommas as vendas nesta quinzena:

Pernambuco	500 saccos
Campos	16.000 ditos

Ficam em ser:

Pernambuco	3.200 saccos.
Campos	16.000 »

Cotamos:

Pernambuco	2ª sorte	não ha
»	3ª »	290 a 316 rs. por kilo
»	4ª »	não ha
Sommos		não ha
Mascavo		não ha
B. engenhos centraes		270 a 282 rs. por kilo
Mascavinho		205 a 230 » » »
Mascavo		136 a 180 » » »

Fumo: A falta de sahida d'este artigo no rio da Prata, e grande quantidade de fumos velhos em segundas mãos, tem tornado o mercado completamente calmo, com excepção porém para o Goyano superior e Rio-Novo, velhos, os quaes obtêm facil venda. Para fumos novos, ha difficuldade na venda, mesmo para os de boa qualidade, e por isso quasi nominaes os seus preços. A existencia, em 15 do corrente, era de 587.530,000 kilogrammas.

Cotamos:

Goyano, de	1.362 a 2.043 por kilo
Rio-Novo, de	1.021 « 1.498 « «
Pomba, de	1.021 « 1.498 « «
Bacpendy, de	681 « 953 « «

Toucinho: Ha pouca procura para o de qualquer procedencia, achando-se o mercado muito suprido; ainda assim, consideramos firmes os seguintes preços extremos, conforme a qualidade:

Minas	580 a 680 por kilo
S. Paulo	440 « 580 « «

Aviso

Toda a correspondencia deve, por enquanto, ser dirigida para a rua da Alfandega n. 71, acreditado estabelecimento de papel e livros dos Srs. J. Coursell & C.

Recebem-se annuncios para a capa, ao preço de 5\$000 por cada oito centimetros de altura, ou 15\$000 por anno, para o mesmo espaço — como se vê dos dois insertos na capa d'este numero.

Typ. cosmopolita, rua do Regente n. 31